

**FRAGMENTOS DO COTIDIANO ESQUECIDO: O CASO DO
“MONTE DELTA” NO REINO DA SERRA DOURADA, NO
BAIRRO TEMPO NOVO, CIDADE DE GOIÁS / GO**

**FRAGMENTOS DE LA VIDA COTIDIANA OLVIDADA: EL CASO
DEL “MONTE DELTA” EN EL REINO DE LA SERRA DOURADA,
EN EL BARRIO TEMPO NOVO, CIUDAD DE GOIÁS / GO**

JOSÉ MARIA DOS SANTOS SOUZA

Discente do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Estadual de
Goiás (PPGEO-UEG), Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás / GO
jmsspezinho@gmail.com

Resumo: Uma tendência na crença de que o mapeamento inventarial de todo o corpo geodiverso nacional já tenha se esgotado, principalmente nos territórios suburbanos, tem permitido alguns apagamentos paisagísticos não propositalis. Trata-se de um relato de experiência desenvolvido para a disciplina de ‘Tópicos de Geodiversidade’, do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Estadual de Goiás (PPGEO-UEG), Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás / GO, em junho de 2023. A invisibilidade do patrimônio natural, seja sob a lente acadêmica ou popular, pode se ocultar pelo ineditismo das apropriações por descaso, desconhecimento ou mesmo esquecimento de suas dinâmicas variáveis ao longo do tempo pelas comunidades. Novos usos ou desusos podem se revezar e, com essas ações, as próprias percepções dão a luz a novas nomenclaturas e seus significados, por exemplo, o “Monte Delta” - área escolhida para a abordagem no Setor Tempo Novo, Cidade de Goiás / GO.

Palavras-chave: Patrimônio natural; Paisagem oculta; Apagamento histórico, Reuso espacial.

Resumen: La tendencia a creer que el inventario cartográfico de todo el cuerpo geodiverso nacional ya está agotado, especialmente en territorios suburbanos, ha permitido algunos borrados paisajísticos involuntarios. Este es un relato de experiencia desarrollado para la asignatura 'Temas de Geodiversidad', del Programa de Posgrado en Geografía, de la Universidad Estatal de Goiás (PPGEO-UEG), Campus Cora Coralina, Ciudad de Goiás / GO, en junio de 2023. La invisibilidad de el patrimonio natural, ya sea desde una perspectiva académica o popular, puede quedar oculto por la naturaleza sin precedentes de apropiaciones debidas al abandono, la falta de conocimiento o incluso comunidades olvidan su dinámica cambiante con el tiempo. Pueden ocurrir nuevos usos o desusos y, con estas acciones, las percepciones mismas dan origen a nuevas nomenclaturas y sus significados, por ejemplo, “Monte Delta” - área elegida para el abordaje en el Setor Tempo Novo, Ciudad de Goiás / GO.

Palabras clave: Patrimonio natural; Paisaje escondido; Borrado histórico, Reutilización espacial.

Introdução

Em junho de 2023 no município da Cidade de Goiás, em visita de campo, tive a oportunidade de conhecer a comunidade rural do Distrito de Calcilândia (Cidade de Goiás / GO), com toda sua atividade mineralógica calcária em concomitância aos relatos cotidianos de sua juventude estudantil. Além disso, foi possível, uma oportuna passagem

pela mais que centenária povoação de Areias, localizada nas imediações da Serra Dourada às margens da rodovia GO-070, onde me deparei com sua singela capela (figura 1) consagrada à Nossa Senhora Aparecida e que dá as boas-vindas ao Portal do Araguaia e sua descida vertiginosa ao Vale do Rio Vermelho.

Figura 1. Igreja de Nossa Senhora Aparecida no Povoado de Areias, Cidade de Goiás / GO.



Fonte: Guia Goiás Mais, 2023.

Para os viajantes mais sensíveis a sua própria relação com o meio é inevitável aperceber-se da conversão térmica ambiente do clima serrano que vai se aquecendo à medida que se aventura encosta abaixo rumo à velha capital dos goianos.

A muralha de quartzito talhada em seus colossais paredões intransponíveis em sua face norte impressiona ao mais indiferente dos motoristas que se arriscam a olhar sorrateiramente à sua esquerda enquanto deslizam pela autopista duplicada. No flanco direito o convidativo mirante (figura 2), um recente empreendimento para fins contemplativos de tal geodiversidade para quem se dispõe a um verdadeiro tributo aos olhos sobre toda a microrregião.

Morador de duas décadas, e me considerando um verdadeiro vilaboense pela práxis, às vezes já me indaguei se ainda existiria nestas plagas algum reduto incólume ao mapeamento territorialista dos moradores; algum ponto ao menos esquecido da memória comum. E é aqui que pretendo apresentar um “corpo estranho” que vim a descobrir com o passar do dia-a-dia, não intencionalmente, em meio a toda diversidade geográfica a que se tem direito neste lugar.

Figura 2. Mirante contemplativo da Serra Dourada e adjacências (lado direito da imagem) no Povoado de Areias, Cidade de Goiás / GO.



Fonte: Guia Goiás Mais, 2023.

Constatei uma absoluta falta de um nome em que os próprios moradores sequer tenham se preocupado em criar, talvez até pelo fato da ocupação local ter se desenvolvido de maneira relativamente abrupta e recente, durante as duas primeiras décadas do século XXI através de um programa de criação de casas populares que, de imediato pode ter levado um tempo para se desenvolver um sentimento de pertença a quem vinha se instalando, e portanto, podendo não ter permitido um prazo de permanência suficiente para se ‘batizar’ todos os elementos paisagísticos naturais disponíveis, alguns com sua singular camuflagem.

Me faltando a devida criatividade para o momento eu o denomino de forma obtusa como “Monte Delta” (figura 3). Trata-se de um promontório isolado de demais elevações, com cerca de 590 metros de altitude em relação ao nível do mar, coordenadas 15°57’57” S / 50°08’29” W, numa planície próxima da margem esquerda do leito do intermitente Córrego Canjica, afluente do Ribeirão Bacalhau nas imediações da confluência deste com o Ribeirão Bagagem, na sub-bacia do Rio Vermelho, no município da Cidade de Goiás – GO.

O local, com dificuldade média de acesso através de uma estrada vicinal não pavimentada, fica no perímetro urbano do município em questão, a menos de um

quilômetro do Setor Tempo Novo, expansão suburbana surgida entre fins dos anos de 1990 e início dos anos 2000, na porção sul da cidade.

Figura 3. Localização do Monte Delta no bairro Tempo Novo, Cidade de Goiás / GO.



Delimitação dos flancos de declividade do monte, se conformando em três faces iniciais da base da encosta (nordeste, sudeste e sudoeste) lhe moldando uma área de domínio deltoide, o que lhe confere o nome que lhe emprego de “Delta”. Coordenadas: 15° 57' 57" S / 50° 08' 29" W.

Fonte: Arquivo pessoal (julho de 2022); imagens do Google Earth. 2023.

Posicionando-se à esquerda de uma das antigas vias rudimentares de acesso de quem saía da cidade em direção às encostas da Serra Dourada, o elemento paisagístico em foco encontra-se totalmente fora de qualquer eixo urbanístico, geológico, geomorfológico, agropastoril, turístico ou mesmo acadêmico-científico. Seu solo pedregoso, arenoso e seco em muitos pontos na maior parte do ano, além de uma logística de conexão com a dinâmica populacional praticamente nula, contribuiu para um total desinteresse econômico-imobiliário em suas cercanias.

De fato essa porção do perímetro urbano só veio a ser acessado sedentariamente a partir de meados dos anos de 1980, por volta de 1985, em ocasião da abertura de uma

rota alternativa para a rodovia federal BR-070, atual rodovia GO-070, que até essa data, passava dentro da Cidade de Goiás por onde hoje se conhece a Avenida Federal ou Dario de Paiva. No entanto, as margens desta autopista só passaram a ser povoadas ao fim dos anos de 1990 com o loteamento do Setor Tempo Novo.

Com visibilidade comprometida pelo conjunto paisagístico de fundo de vale, numa área de transição de Cerrado *stricto sensu* para Cerrado Rupestre, sua enigmática compleição semipiramidal se camufla na mescla do horizonte com uma vegetação de topo insistentemente preservada, só podendo ser distinguida por algum olhar mais atento que possa captar algo mais que a moldura da Serra Dourada que acaba por roubar a cena ao longe.

Seria o tipo de elemento perceptível somente de maneira flagrante. Tanto que, em minhas observações pontuais ao longo de toda a malha urbana local, pude perceber que só se consegue visualizar tal objeto a partir de três pontos da cidade:

- No setor Tempo Novo em si, porção sul da cidade, a curta distância de até 1 km, observável de todas as ruas;

- No setor João Francisco, mais especificamente na altura da curva conhecida como “Máquina do Robertinho”, na saída para Jussara, porção oeste da cidade, a média distância de 2,5 km;

- Na Igreja Santa Bárbara, porção noroeste da cidade, a longa distância em aproximadamente 5 km em linha reta, único dos três que é turístico e de visitação contemplativa, mas que ironicamente, é provável que nenhum visitante tenha se atentado ao monte ao longe, visto que tal mirante tradicional sempre foi usado para visualizar o pôr do sol, obviamente a oeste, enquanto que o Monte Delta se localiza ao sul. Sobre a conexão visual destes dois pontos me aprofundarei mais adiante.

Meu primeiro contato com o panorama do referido monte foi no ano de 2008, em ocasião de uma visita àquela vizinhança com conhecidos do Setor Tempo Novo. Me deixou intrigado a maneira como aquela elevação conseguia ser tão chamativa e ao mesmo tempo tão discreta, desaparecendo da linha de visão muito facilmente, de acordo com o ângulo em que o observador se encontre, fenômeno que às vezes pode ocorrer mesmo dentro dos domínios do bairro citado.

Mais incômodo ainda é constatar que, apesar de se encontrar em um município em que praticamente todos os elementos da geodiversidade já tenham sido batizados pela sabedoria popular ao longo de gerações, este exemplar tenha conseguido escapar ileso de qualquer rótulo folclórico ou científico. Afinal, todo o Vale do Rio Vermelho parece já ter sido ‘etiquetado’ com nomes próprios do domínio público sobre os elementos geodiversos, tais como: Serra Dourada, Morro Dom Francisco, Morro Santa Galo, Morro Cabeça de Touro, Morro Chapéu de Padre, Rio Vermelho, Rio Ágape, Rio Uvá, dentre outros monumentos naturais.

Com o tempo deixei este meu questionamento reservado às minhas próprias reflexões cotidianas, sem compartilhá-lo com ninguém. Afinal, é difícil encontrar alguém que desenvolva um olhar mais atento sobre um ‘murundu’ de pedras secas e galhos retorcidos escondido ao lado de casas populares, em que seus próprios vizinhos não se atentam muito para tanto.

Fico surpreso com minha própria displicência investigativa ao confessar que só vim a revisitar o local 14 anos mais tarde, em 2022, apesar de não me ausentar da cidade durante todo esse tempo. Finalmente resolvi fazer uma investigação *in loco* em julho de 2022, aproveitando ser um período de estiagem e, conseqüentemente, podendo se apresentar uma vegetação mais esparsa na área, o que facilitaria uma observação um pouco mais pormenorizada da superfície do monte.

Para esse momento se contou com a colaboração de um membro de antiga família rural da região, Leandro, que ajudou no primeiro contato com a área até então não visitada¹. O mesmo relatou que, embora nunca tivesse estado no local, no topo da elevação em específico, que é particular, estava ciente de que já havia sido trocado de dono por diversas gerações, e não conseguia identificar os atuais proprietários que, ao que pareceu, sequer a frequentam, por ser inclusive improdutivo e mesmo inviável para tanto.

¹ Leandro Divino Rios Serra, é vilaboense procedente de antiga família rural da região. Verdadeira testemunha viva do processo de urbanização do município desde os anos de 1960, se ofereceu prontamente a auxiliar no processo de visitação inicial ao local do objeto da pesquisa. Contribuiu com informações preciosas de acessibilidade e sobre os últimos usos do local pela comunidade na extração de algumas pedras do sopé da colina para a confecção de alicerces de residências em outros setores da cidade. O mesmo se admirou da descoberta de um platô trabalhado em pedras lavradas em meio   vegetação no cume do monte, o que revela que não há um hábito da comunidade em frequentar o mesmo, talvez abandonado a muitas décadas.

E dentro do quesito da particularidade privativa da elevação foi constatada a presença de um muro de pedras, de idade indefinida, que corta a mesma em praticamente toda sua formação longitudinal, mantendo-se em posicionamento inclinado mais à esquerda do topo, no sentido cidade - serra. Ou seja, a elevação serve como um marco divisório de propriedades já a bastante tempo, a julgar pela rusticidade e desgaste do muro.

A propósito, as pedras utilizadas para tal empreendimento foram extraídas da encosta do próprio monte que é abundante de fragmentos de rochas, que podem variar desde gnaisses, em sua maioria, a até mesmo alguns consideráveis exemplares de quartzitos e arenitos com tamanhos e compleições variados ao longo de toda a formação da colina e do topo. Tamanha diversificação de tipos de rochas fragmentadas numa área tão delimitada pode se levar a suspeitar que muito deste material tenha sido transportado até ali, ideia que já desperta um significado mais que especial naquele curioso ponto.

Com uma escalada cuja inclinação, em algumas estações, pode se aproximar de escorregadios 50° chegamos ao topo, esparsamente encoberto por espécies da flora nativa do Cerrado de porte médio, com destaque para alguns exemplares de caju nativo e pequi ao longo do trajeto. Daquela lotação elevada, com algum esforço por entre a relva, se pode identificar algumas casas do setor Tempo Novo na direção nordeste, ao passo que se vislumbra ao longe o paredão da Serra Dourada, a sudoeste.

E para nossa surpresa aquele cume se apresentava transformado por alguma intervenção humana, não datada, que se utilizou das rochas ali dispostas. Em suma o topo apresenta um miniplatô de aproximadamente 24 m², sendo 4x6. Esta plataforma é formada por pedras justapostas ordenadamente, obedecendo o desenho de um terraço retangular, com semelhança do que parece ser o alicerce de um muro de pedras de um pequeno cercado. Ao centro, um aglomerado de pedras de tamanhos irregulares que formam uma espécie de antiga mesa ou banco em ruínas, com o suspeito propósito de se apresentar como um provável obelisco para talvez um uso ritualístico (figura 4).

As plantas nativas devem ter sido suprimidas em algum momento do passado para a confecção de tal plataforma, e vieram a se reestabelecer com novos espécimes no local, a muito abandonado. Torno a frisar que o topo da área torna-se invisível ao longe

pela vegetação predominante, de forma que ninguém possa imaginar o que ali se oculta pela relva.

Figura 4. Topo do monte com rochas em formação circular.



Fonte: Arquivo pessoal (julho de 2022).

Nenhum símbolo aparente ainda pôde ser encontrado para que se permita uma melhor interpretação do fim de tal edificação, agora arruinada. Ademais, a falta de moradias, antigas ou novas, na área sugere um local visitado esporadicamente para determinados fins ainda não identificados, com provável ofício de fé. Sob tal aspecto não se pode definir a que natureza supostamente religiosa se refira, seja de cunho cristão, católico ou protestante, indígena, de matriz africana ou mesmo algum seguimento místico não classificável.

Em uma segunda visita, em outubro de 2022, desta vez com a colaboração de Lucimário², filho de um antigo morador local, afirma que o pai, já falecido, que era peão de boiadeiro, conheceu muito bem a área num período em que se encontrava totalmente inserida no conceito de zona rural sem absolutamente nenhuma habitação. Esta testemunha ocular sertaneja conseguia seguramente relatar a região num cenário que

² 'Lúcio' ou Lucimário Martins, policial aposentado, filho de um provável mais antigo morador do local, um falecido peão de boiadeiro e raizeiro com profundo conhecimento da flora medicinal do lugar.

remontava a impressionantes noventa anos atrás, visto que o mesmo faleceu com mais de um século de vida.

Lucimário narra que seu pai proibia a ele e aos irmãos de se aproximarem muito do monte, alertando ser morada de animais selvagens, como onças e lobos-guarás; embora a família tivesse também um certo receio de uma “atmosfera ruim no lugar”, com superstições típicas do sertanejo diante daquilo que não se consegue compreender e dominar na natureza.

Neste segundo momento de pesquisa em campo o próprio Lucimário se surpreendeu, junto a mim, de uma descoberta no sopé da face sul da elevação, onde identificou-se o que nos pareceu calhas de escoamento de águas pluviais, cobertas por vegetação nativa de galeria, e um provável fosso estreito soterrado e seco com apenas um metro de profundidade ainda disponível. Estrutura curiosa num ponto desprovido de curso d’água. E, assim como a plataforma do cume, pedras locais foram utilizadas como matéria prima.

A esquecida estrada próxima ao ponto visitado conectava a Antiga Capital com o aldeamento jesuíta de São José de Mossâmedes, do outro lado da Serra Dourada, em sua face meridional. Nos anos de 1770 do século XVIII houve uma proposta do então governador José de Almeida Vasconcelos Soveral e Carvalho, o Barão de Mossâmedes (Gestão 1772-1778), de se construir um palácio de verão na povoação supracitada, devido a seu clima mais ameno atribuído aos seus quase 300 m de altitude a mais de elevação que o Vale do Rio Vermelho, onde se localizava a sede do governo da Capitania de Goiás. Tal projeto nunca saiu do papel, embora tenha se chegado a elaborar uma planta do pretenso palacete.

E é dentro da rota dessas curiosas conexões que se desenha, perifericamente, o misterioso monte. Este pequeno colosso camuflado, pelo menos até segundo diagnóstico, pode ser classificado como um espécime típico de acúmulo sedimentar remanescente da ação de um lento e gradativo processo erosivo resultante das intempéries nas encostas do complexo da serra que dá nome à área de domínio.

Sua posição e formação peculiar teriam sido adaptadas para fins humanos variados ao longo do tempo, de acordo com as demandas dos usuários daquele caminho.

E é aqui que se pode apossar de certo espírito investigativo-especulativo com a pretensão de se tentar ao menos imaginar os possíveis usos de tal recurso natural da geodiversidade local pelos agentes antrópicos em cada período histórico e modelo social distinto.

Hipótese 1: fim acadêmico-científico

No período da República Velha a Cidade de Goiás experimentou algum frenesi modernizante típico da Belle Époque, ao sabor das tendências europeias, quando surgem intervenções arquitetônicas que aos poucos moldavam a fachada de residências e repartições do colonial para o neoclássico. Surge aqui uma demanda pela atmosfera culta, com exemplos nos cursos de Direito, Farmácia e Odontologia, e além da construção do prédio do Gabinete Literário, a chegada do cinema, a chegada da ferrovia no sul do Estado, a luz elétrica, o primeiro automóvel, dentre outras novidades.

E, dentro desta onda ‘civilizatória’: “09/02/1911: É instalado em praça pública e inaugurado o Observatório Astronômico que fica no alto da Rua Ernestina, na Capital” (Reis, 1979; Passos, 2018). O alto da Rua Ernestina se localizava na porção mais ao Sul da Cidade de Goiás, limite do perímetro urbano daquela época, e que ficava no caminho que levaria à antiga estrada de acesso à Serra Dourada por onde se passa pelo ‘Monte Delta’. Se sabe que toda atividade astronômica solicita de lugares isolados da aglomeração urbana, sem iluminação e de preferência mais elevados; sendo assim, tal comunidade astrofísica goiana teria se aproveitado do monte em algum momento para suas observações estelares.

E um elemento símbolo da curiosidade goiana tradicional é a Pedra Goiana, antes Pedra da Balança por sua ‘insistência’ em não cair, que para alguns poderia ser até uma forma estranha de dolmen confeccionado em algum passado pré-histórico. Com esse nome territorialista dado pelo Sr. Josino Porto, Delegado Fiscal de Goiás, em 1913, este interesse pelo cimo da serra coincide com o esforço academicista de uma Goiás mais erudita contemporâneo ao Observatório recém criado.

“A icônica Pedra Goiana em si trata-se de um bloco de itacolomito, pesando de 3 a 4 toneladas, sendo sua estranha estrutura suportada por duas pequenas pedras, com 30

a 50 quilos cada. Ela oscilava conforme o número de pessoas que nela subiam. Suas medidas eram: 5,25 m de comprimento; 2,15 m de largura; 1,60 m de altura; 50 cm de base; 11,25 m de circunferência” (Passos, 2018, p. 386-387).

Ao que parece, seria uma locação ideal para saraus de pesquisadores de áreas diversas do conhecimento, com todo um exotismo da rusticidade do local, pois até deixaram documentado por fotos peças teatrais patrióticas e reuniões acadêmicas no alto da serra naquele período (figura 5), inclusive, com o ‘Monte Delta’ como uma possível parada obrigatória, com um cimo que só faltaria se instalar convenientes telescópios para enriquecer ainda mais as experiências contemplativas daqueles pesquisadores e demais curiosos.

Figura 5. Ato Cívico Teatral na Serra Dourada

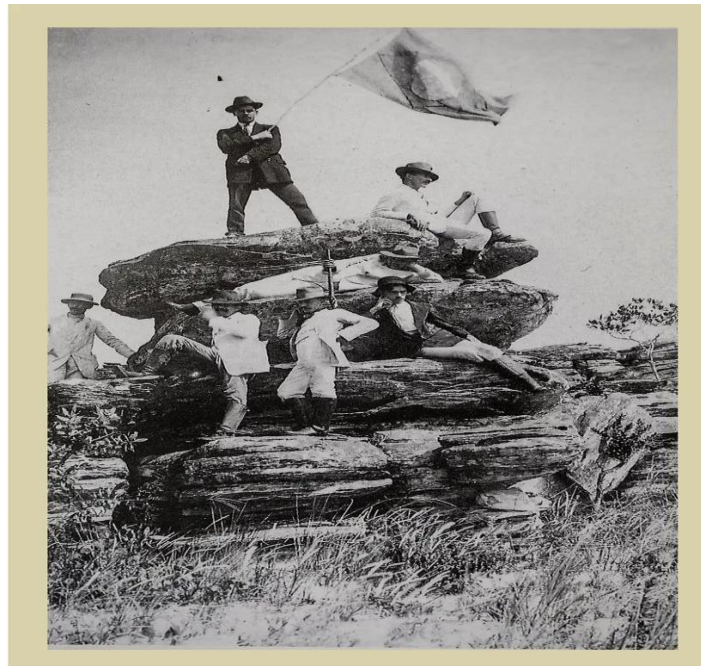


Foto: Joaquim Craveiro, 1911.

E quando se completa tal possibilidade com a informação que em “08/02/1926: É aberta concorrência para a construção da ponte sobre o Bagagem (hoje restando apenas o alicerce em ruínas), no município da Capital” (Reis, 1979; Passos, 2018. p. 369), fica quase que inevitável concluir um esforço naquele período de se facilitar o acesso à estrada velha até a serra, que a essa altura já não era mais procurada devido ao caminho do arraial de Areias, com o provável intuito de visitação com cunho muito mais artístico e

educacional que logístico e comercial. Um esforço acadêmico que deve ter sido interrompido com a transferência da Capital para Goiânia na década de 1930.

Hipótese 2: fim militar

Seriam as elevações da Santa Bárbara (entrada oeste), Morro Chapéu de Padre (entrada leste, via Ribeirão do Bacalhau) e o ‘Monte Delta’ (entrada sul, via Serra Dourada) inicialmente guaritas militares de fiscalização do acesso ao Vale do Rio Vermelho, rico em ouro?

E é digno de nota que o começo da estrada de acesso a Serra Dourada, que passava ao lado do referido ‘Monte Delta’, tinha como marco zero a antiga Casa de Pólvora, que era um depósito de armamento criado nos anos de 1820, estrategicamente posicionado na saída sul do perímetro da capital de onde poderiam tentar adentrar potenciais investidas de grupos indígenas hostis, como os temidos Caiapós do Sul. Há de se convir que a duração dessa rota fora interrompida ao se dar mais importância à estrada que conectava o eixo Bacalhau-Areias que se desenvolveu no século XIX a partir da implantação de uma fundição em 1875 (Reis, 1979; Passos, 2018. p. 356).

Num período em que inexistia sequer telégrafo a intercomunicação entre estes pontos elevados ocorreria através de mensageiros a cavalo e apoiados, logisticamente em linha reta, por sistemas de sinais codificados e que poderiam ser ópticos, como bandeiras e luzes intermitentes na forma de tochas e espelhos ou objetos similares reflexivos do sol, nos períodos noturnos e diurnos, respectivamente. Tal tecnologia já existia na Europa desde 1792, por invenção de Claude Chappe, e reproduzido por algumas potências que as estendiam a suas colônias (Claro, 2011).

Esta especulação se basearia no fato de que o ‘Monte Delta’ pode ser visto a partir da Igreja da Santa Bárbara, e vice versa, em linha reta de aproximadamente 4,8 km ao mesmo tempo que da Santa Bárbara se pode avistar o Morro do Chapéu de Padre, a cerca de 1,8 km de distância, e no sentido contrário também. Tendo a Praça do Chafariz, onde se localiza o Quartel do XX, no centro dessa malha de interconectividade, não seria ilógico afirmar que um trajeto triangulado de quase 7 km pudesse ser coberto por sinais

codificados em questão de minutos entre as estações envolvidas até a central e seus periféricos, proporcionando um tempo de resposta satisfatório para situações emergenciais.

Hipótese 3: fim ritualístico indígena

Aqui tento resgatar a lenda viva de Damiana da Cunha (1779-1831), não se sabendo seu nome indígena original de procedência supostamente Caiapó. Chegando ainda criança, junto de seu avô (Angraí-Oxá) e irmão (Manuel da Cunha), a Vila Boa, entre 1780 e 1783, acabou vivendo no Palácio Conde dos Arcos, de onde saiu aos 4 anos de idade.

Pelos relatos (Karasch, 1981, p. 105; Giralдин, 1997, p. 94) especula-se que, na época de seu nascimento, diversas levas de caiapós estivessem migrando para as cercanias da capital da Capitania, ao que parece, fugindo de ‘algo’ no sertão, não ficando muito claro o que seria tal ameaça, podendo se tratar de conflito entre povos nativos e colonizadores, epidemia de varíola, fome ocasionada por seca ou uma combinação de todos esses fatores.

Os índios Caiapó a respeitavam, o que seria um comportamento atípico dos povos originários brasileiros, majoritariamente patriarcais. A historiografia tradicional se limita a relatar um trabalho de arregimentação desses grupos nos sertões por parte de Damiana, os reunindo no Aldeamento de São José de Mossâmedes, a menos de 20 km da capital Vila Boa, tendo a Serra Dourada como divisor natural e estrategicamente como uma ‘muralla geológica’ de proteção do poder metropolitano perante a proximidade de tão considerável aglomeração nativa, e que até recentemente efetivava feroz resistência aos brancos.

Fato curioso, o de terem determinado tal acidente geográfico como um marco a separar o universo vilaboense do recanto do bugre em processo de aculturação; seria como se para esses povos ancestrais coagidos a ali permanecerem se reconhecesse uma formação serrana como algo digno de temor e respeito, ou seja, um território sagrado que não poderia ser transposto sem a devida autorização de uma liderança espiritual

reconhecida, que é de onde parece emanar o poder de influência de Damiana. A mitologia de Damiana no processo de aldeamento cristianizador de seus conterrâneos de sangue teria provavelmente se valido de um certo sincretismo religioso que deveria se expressar de alguma forma no cotidiano do grupo.

É notório também os ricos relatórios dos poderes goianos entre os séculos XVIII e XIX que se esforçavam em conter, por cerca de um século, as constantes incursões de levadas de Caiapó que agiam como que num esforço final de expulsar o invasor lusitano (Mori, 2015). A frequência das ocorrências faz até se refletir quão tamanha seria a importância do complexo do que viria a ser o extenso município vilaboense, podendo se especular até em um teor sagrado destas paragens em especial.

Afinal, o vão em que se estabeleceu a cidade em si não apresenta características adequadas para subsistência, com um solo em sua maior parte arenoso e acidentado, águas subterrâneas salobras em alguns pontos da região central, e apresentando diversos afloramentos gnáissicos e quartzíticos, sem contar uma relativa predominância de um Cerrado Rupestre e pouca oferta de caça de grande porte.

Uma vez constatada a sacralidade originária deste território para os antigos habitantes se pode arriscar um exercício imaginativo do que foi este Vale do Rio Vermelho em uma não muito remota época pré-colombiana. E aqui caberia uma correção, em se tratando do caráter ancestral do lugar: o primitivo nome do rio era Rio Cambaúba, caracterizado pela abundância desta árvore em seu leito antes do desaparecimento das matas ciliares.

Se valendo da tendência da nomenclatura de lugares consolidados que se baseia no uso comum relacionado aos principais protagonistas, como por exemplo “Praia de Anchieta” em referência ao trecho do litoral brasileiro em que o Padre José de Anchieta atuou, se pode identificar no perímetro urbano da Cidade de Goiás uma Rua Damiana da Cunha que, sugestivamente, dá acesso do centro histórico para a periferia, no sentido norte-sul, como que atravessando a malha urbana de maneira um pouco tortuosa até desembocar nas margens do Ribeirão Bacalhau, onde justamente neste ponto, que é um vão pedregoso de afloramento próprio para travessia, existe uma ruína de antiga ponte de pedra de um caminho que foi desativado e que segue em chão batido até o Setor Tempo

Novo, o atravessando, e chegando à estrada vicinal já citada neste trabalho que passa próximo ao ‘Monte Delta’.

Deste ponto, a estrada segue por caminhos ramificados até as encostas da Serra Dourada, atravessando-a em uma trilha montês com alguns trechos remanescentes de calçamento de pedras denunciando sua antiguidade colonial e, uma vez superado o platô, começa a se precipitar pela encosta sul ganhando outra estrada vicinal não pavimentada chegando finalmente à povoação de Mossâmedes, antigo domínio teocrático da missionária indígena.

Com o tempo foi convencionado determinar a marcação do limite dos municípios de Goiás e Mossâmedes com o uso da escultura natural da Pedra Goiana como marco regulatório. Teria Damiana da Cunha se utilizado da Pedra Goiana como um ‘totem’ limítrofe entre seus aldeados e os vilaboenses? E dentro deste mesmo trajeto teria sido o ‘Monte Delta’, com sua enigmática forma triangulada no sopé acrescido de um promontório de contorno quase piramidal, e coroado de um platô trabalhado à moda de altar, um ponto fronteiroço de culto dos aldeados como que demarcando sua territorialidade bugre ancestral? Sendo assim, teria o ‘Monte Delta’ o seu uso místico anterior à proposta europeia-cristã.

Como última consideração sobre a posse do monte em questão para fins místicos indígenas se pode recorrer à curiosa referência de um tipo de objeto comum em escavações arqueológicas de sítios pré-colombianas da região: o “machado-lua” ou “machado âncora” (figura 6).

Figura 6. Exemplar de machado-lua goiano.



Fonte: IPHAN, 2008, p. 10.

Acrescente-se mais uma peça no quebra-cabeças ao se usufruir deste seguinte dado da década de 1930 do século XX sobre essa exótica ferramenta: “afirma-se no catálogo (Museu Etnográfico da Suécia, Estocolmo, POHL (vol. II, p. 194/195, 1832-1837), outrossim, que machados deste tipo foram usados pelos ameríndios para decapitar seus prisioneiros de guerra” (Ryden, 1937, p. 87).

E com mais essa referência da mesma fonte: “[...] Spix e Martius (v. III, p. 824, 1823-1831) somente mencionam que entre as tribos Jê do nordeste do Brasil é conduzido, por chefes guerreiros, machado de pedra com cabo curto como emblema hierárquico, e Kissenberth (1912, p. 58) afirma que, entre os Caiapó (Goiás), os machados-âncora são símbolo dignitário dos pajés (sacerdotes)” (Ryden, 1937, p. 60).

Logo, se a função do machado, carregado a tiracolo, é de liderança espiritual, onde entre os Caiapó somente o pajé (sacerdote) pode utilizar, e tal ferramenta tinha a função prática guerreira de fender ou decepar crânios em atos de guerra, então é provável que tais machados eram utilizados pelos Caiapó em rituais de sacrifício de seus inimigos que caíam como seus prisioneiros. Estaria aqui uma evidência da função mais primitiva possível do ‘Monte Delta’: um altar para sacrifícios.

Talvez tenhamos nos deparado com a chave do mistério da resistência Caiapó por um século contra os vilaboenses: a defesa e tentativa de recuperar seu antigo território sagrado de seus ancestrais, tendo a tão referida elevação como uma última testemunha silenciosa e esquecida.

Considerações finais

Um zigurate moderno para estudo astronômico em meio aos devaneios científicos da curiosa intelectualidade goiana em contraste ao coronelismo. Uma torre de comunicação e defesa natural aproveitada pela demanda militar de uma sociedade cercada em um vale-fortaleza e suas riquezas naturais. Uma plataforma mística que faça a ponte entre o céu e os primogênitos ancestrais do Cerrado em defesa de sua fé e existência.

Qual a real função do ‘Monte Delta’? Talvez todas essas opções, cada uma em seu devido momento de usos e costumes. E, com prováveis cem anos em desuso, sua

significação de agora em diante dependerá da própria interatividade da gente local com este testemunho que é ao mesmo tempo discreto e provocativo. Uma legado bruto desta terra, um colosso geodiverso.

Não sei se minha experiência me gabarite a nomeá-lo. Em sua existência incógnita e esquecida, como um camaleão invisível neste refúgio de fundo de vale este monumento oculto possa até a ter, como ícone deste enigma geográfico, a forma de um delta que represente uma encruzilhada, a busca pelo 'x' da questão. Enfim, uma paisagem órfã de uma comunidade que a perceba, se apodere dela, a renomeie se preciso for, haja vista que não mais existam os grupos que dela participaram outrora. Um monte em vigília, aguardando a ressignificação que o tempo e as gentes lhe possam dar.

Referências

CLARO, M. **História dos meios de comunicação à distância**. [s.l.]. ML Notícias EAD, 2011.

GIRALDIN, O. **Cayapó e Panará** - luta e sobrevivência de um povo Jê do Brasil Central. Campinas: EdUnicamp, 1997.

GUIA GOIÁS MAIS. **Povoado de Areias na Serra Dourada [...]**. Disponível em: <<https://www.guiagoiasmais.com/2019/03/povoado-de-areias-na-serra-dourada-10.html#:~:text=O%20Povoado%20de%20Areias%20est%C3%A1,%C3%A0%20rodo via%20e%20%C3%A0%20cidade>>. Acesso em: 08 ago. 2023.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Preservação do patrimônio arqueológico** – Goiás. Goiás: Catálogo do IPHAN, 2008.

KARASCH, M. Damiana da Cunha: catechist and sertanista. In: SWEET, D. G.; NASH, G. B. (orgs.). **Struggle and survival in colonial America**. Berkeley: University of California Press, 1981. p. 102-120.

KISSENBERTH, W. Über die hauptsächlichen ergebnisse der Araguaya – Reise. **Zeitschrift für Ethnologie**, Berlin, n. 44, p. 36-59, 1912.

MORI, R. **Os aldeamentos indígenas no caminho dos goiases: guerra e etnogênese no “Sertão do Gentio Cayapó” (Sertão da Farinha Podre) – Séculos XVIII e XIX**. 2015. 232 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

PASSOS, E. C. **Goyaz: de arraial a patrimônio mundial**. Goiânia: Kelps, 2018.

POHL, J. E. **Reise im inneren von Brasilien**. 2 vols. Wien: Anton Strauß's Witwe, 1832-1837.

REIS, G. **Efemérides goianas**. Goiânia: Secretaria de Educação e Cultura, 1979.

RYDEN, S. **Machados-âncora brasileiros**. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, p. 67-98, 1937.

SPIX, J. B.; MARTIUS, C. F. P. **Reise in Brasilien**, 3 vols. Munchen: Gedruckt hei M. Lindauer, 1823-1831.